

# Correio de Misa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Director — ABEL MONTEIRO



Redacção da Direcção / Editor: João de Cruz Rosa / Impressão: Tipografia Castelvidense, Castel de Vide / Publicação e Administração: Praça da República, N.º 2 — LISBOA

## GLÓRIA IN EXCELSIS...

QUANDO há dois mil anos se realizou na gruta de Belém o simbólico e augusto mistério da Natividade de Jesus, nessa aspérrima noite de Dezembro em que, na pátria de

Belém, a população judaica se aglomerava para efeitos de culto, uma Estréla fulgurante indicou aos Reis Magos o lugar sagrado onde se dera o facto mais extraordinário de toda a história da humanidade. Esse astro de estranha luminosidade, que brilhou sobre a Palestina, foi a primeira manifestação de Deus aos homens. Dêle diz o Evangelho: «*ededit aspicienti intellectum qui praestitit signum*». Os povos atónitos olhavam beatificamente e as radiações deslumbrantes também os humildes pastores que apascentavam o gado no vale de Belém. Scharabeh quando cantava o cântico triunfal: *Gloria in excelsis Deo et in terra pax hominibus bonae voluntatis*.

Odealbar do Ano-Novo, Igreja, iluminada sempre pelo esplendor da Estréla, faz resurgir mais uma vez, entre as aromáticas dos tributos, o mesmo clamoroso e ardente ansio: *Glória a nas alturas e paz na aos homens de boa vontade*. Como corresponderá a unidade a estas santas festas? Querá volver à mesquinha mortífera que espolha o mundo em cinco de tragédia? Continuará a renegar a espejinhar as máximas de vaidade e plétóricas dos salutareis ensinamentos?

Resistirá em entorpecer seu seio a vibora do mal, de cujos colmilhos se envenena a peçonha que envenena as consciências e envenena os corações? Continuará em impulsão a ciência, para dela colher em vez dos frutos do requintes de maldade, a construção em engenhos de paz e de morte? Continuará assim for em lugar de *Gloria a Deus*, a pobre humanidade mais não fará de prestar culto as potências internas e a paz interna não mais poderá ser, porque nela ter se envenenado as almas dos homens de boa vontade? Como se dá de que assim se dará. A Cidade Eterna a voz do Pontífice traçou o verdadeiro caminho. Que essa voz de conselho, doce e clara doutrina que apre-

Conclue na pág. 2

## Gazetilha

Vão aparecer novamente os poetas foliões que dão os seus «beliscões», mas de maneira decente. Por isso toda esta gente que lê o nosso jornal gosará o festival do «Leônidas» gentil, sem gastar mais um centil. «E' um ovo por um real».

SUMATRA DE LEMOS

## Império

pelo Eng. PEREZ DURÃO

Debruçat-vos sobre o Tejo. Deixai a vista perder-se na imensidade do seu estuário. O olhar será pródigo dum deslumbramento sem par e o sentir sofrerá a hipnose do vital latejar da portentosa artéria.

Sentireis renascer a fé na força invencível do destino, no valor eterno da raça, no esforço infatigável da grei.

Assim o sentireis e, por raciocínio, áparte o passado esplendoroso, há certeza de que tão pujante força só poderia latejar em robusto corpo. Se fraco fóra, fraca seria — da mão de Deus só há justeza de feitura.

É forte, é belo — é o Portugal de Aquém, é o Portugal de Além... o Império!

Criação de vida em séculos e séculos de labuta!

E o Tejo vai correndo ao mar, como correndo vão as eras na imensidade dos tempos.

O destino imperturbável disse-lhe um dia: ... levarás ao mundo ignoto a força criadora do teu corpo... e foi o Império — o Portugal de Aquém e o Portugal de Além.

Foi o deslumbramento, foi a maravilha!

Foi tão longo o esforço, foi tão grande o impeto... que dura ainda e durará sempre...

E o esplendor da epopeia, por desmedido, ofuscou um pouco a mente que a concebeu — e a vaga afroizou num refluxo brusco.

Uma verdade ficou através das lutas, cobiceiras, desânimos — o Império.

Tal fóra o fulcro que a fé abria!

E o Tejo, a grande artéria, sentiu seu sangue generoso e forte enfraquecer assim... Sentiu seu sangue generoso e forte enfraquecer assim... porque enfraquecido estava o corpo que robusto fóra — o Portugal de Aquém.

Um desalento, uma inércia, mais illusória que real amortecia a grei...

E no fundo da alma, lá bem no fundo, cada português guardou então uma saudade, guardou então uma esperança...

Veio a decadência, o fatalismo, a negação. E essa saudade, essa esperança, escondida, no fundo, lá bem no fundo, de cada peito português, aflora num romântico lamento aos lábios do nosso bom Castilho ao sentir correr o Tejo, a robusta artéria. «Rio que já não rola oiro nas suas ondas mas que nelas rolará sempre saudades de grandezas e glórias».

Saudades de grandezas e glórias? Não! Esperanças de grandezas e glórias!

E essas esperanças de grandezas e glórias não-de tornar-se grandezas e glórias.

Vão tornar-se grandezas e glórias, por que de saudades em (Conclui na página 4)

Correio de Misa

CUMPRIMENTA TODOS OS PRESADOS ASSINANTES, ANUNCIANTES, LEITORES E PRESTANTES COLABORADORES, DESEJANDO A TODOS UM NOVO ANO COM AS MAIORES PROSPERIDADES.

## ANO VELHO... ANO NOVO...

Mais um ano deslisou na ampulheta do Tempo.

Muito haveria que dizer se pretendessemos fazer o balanço total dos benefícios e malefícios que ele trouxe à Humanidade.

Entre os benefícios que nos deu, culmina o de ter posto fim à tremenda guerra que, durante quasi um sexênio, flagelou impiedosamente o mundo.

Guerra de gigantes que quizeram escalar o céu, e foram, afinal, precipitados nos abismos da ruína e da devastação mais horrorosas da História...

A catástrofe foi tanto maior quanto é certo ter absorvido nas suas fauces hiantes os pequenos povos que a fatalidade geográfica colocara junto dos lutadores gigantes.

Mas, enfim, veio a paz, a paz que é o maior bem das sociedades humanas, porque nela reside a condição essencial, a condição basilar da felicidade colectiva.

No entanto, a paz que o ano de 1945 nos trouxe, não é absolutamente certa e segura como seria de desejar, para a plena felicidade dos povos.

A paz que nos trouxe o ano findo não tem a claridade das cousas limpidas e serenas, antes sobre ela se projectam nuvens sombrias que, dum momento para o outro, podem envolver-se e produzir nova borrasca mais trágica para a pobre Humanidade, do que a anterior.

Como na velha Roma, o templo de Jano não está definitivamente encerrado. As suas portas encontram-se semi-abertas, e num momento podem escancarar-se, dando saída a todos

os maus ventos da desgraça.

O simbólico deus que o Romano considerava protector da paz, tinha duas faces: — uma voltada para traz, contemplava o passado; a outra, olhando para a frente, encarava o futuro.

Passado e futuro, — os dois polos da vida em tórno dos quais gira, num rodopio interminoso, a inconstância das fragilidades humanas! Que o homem, como Jano, tem também duas faces; mas elas não apresentam a serenidade olimpica de Deus.

Escravo das paixões e dos sentimentos desordenados, raras vezes o homem é o herói dos pensamentos nobres e da

vontade forte e sã. Uma das suas faces é de anjo; mas a outra é de demónio, como acertadamente acentuou o finíssimo e penetrante espírito de Bourget, um dos dissecadores da alma humana através de milhares de páginas em que a mais construtiva e disciplinada imaginação, aliada à observação mais ampla e profunda, arranca à complexidade da vida, para as esteriotipar em moldes eternos, as cenas típicas da comédia quotidiana cujo personagem central é o homem, o homem hipercivilizado, nas suas sublimidades como nas suas misérias.

Conclue na página 4

## LOUIS BERTRAND

Os jornais referiram, sem qualquer comentário especial, ao contrário do que manda a Lógica e exige o Mérito, que morrera em Antibes Louis Bertrand, membro laureado da Academia Francesa e notável escritor.

Ao lermos a notícia lacónica que, por inesperada, tanto nos surpreendeu, recordámos consequentemente a forte personalidade do autor de «Santo Agostinho», livro de mérito na exegese histórico-religiosa e forte contribuição espiritual para a estante de quem esteja à altura de interpretar a vida e obras do grande doutor da Igreja.

Trabalho de fôlego que determina toda uma formação espiritual, «Santo Agostinho» tanto se torna indispensável na

cultura genérica como no estudo escarpelizador das verdades eternas.

É até este o aspecto que pretendemos focar, quando nos referimos à morte de Louis Bertrand, notável académico e laureado escritor.

Ao nível intelectual de Georges Goyou, de quem confiadamente se socorreu, para a revivescência da figura de Santa Melânia e, numa ronda de rara beleza crítica com Estevão Gsell, Leclercq e Besse, o autor de «Santo Agostinho» dispõe, como o excelente historiador dos piradas vikings e dos monges normandos, dum veio espiritual que rescende a invulgar inteligência e que só deve e pode ser atribuído a cerebração pre-

Conclue na pág. 2

ano—2688...  
não esc...  
maior Dire...  
se, amanh...  
da minha...  
V. se dige...  
a inscriçã...  
o «Correio...  
ecimento...  
deve à f...  
esmo barco...  
tado na im...  
para liqui...  
sinatura, r...  
empregar...  
no sentid...  
idos os m...  
com exce...  
e por int...  
e família...  
r...  
amente gr...  
de V. ven...  
um Maria...  
argento da...  
tual de D...  
a de Ang...  
ERCEIRA...  
da Seman...  
há pouco...  
do nosso...  
amigo Sr...  
servámos...  
as atraem...  
temente a...  
e acredit...  
na sua ú...  
estação de...  
s, estamb...  
sico», «C...  
para Senh...  
o de «tabel...  
idade de...  
is categor...  
s, para toda...  
dadeiro m...  
d...  
nguém res...  
os nossos...  
Amigo, por...  
eza a Hist...  
no seu...  
coisa surg...  
nha, e abal...  
campos, en...  
a procur...  
dipe que...  
em os se...  
os caídos...  
beleza en...  
seus olh...  
fe seus lá...  
amentavam...  
a zagala...  
a...  
dela, as...  
extenuada...  
arranca...  
os, o encan...  
espírito...  
nenhum...  
re acordas...  
adormecid...  
tas do lío...  
c, contin...  
os segredo...  
dum apai...  
velho rei...  
MILIO FR

# ANTOLOGIA

## A harpa

por ALBERTO MONSARAZ

Fecho os olhos... Parece-me escuta-la!  
Não me iludo: oiço-a ainda com carinho,  
aqui mesmo, a um canto desta sala,  
onde agora, sem ela, estou sózinho.

Hoje, assim como então, a harpa fala...  
Seus dedos entre as cordas adivinho;  
cantam, percorrem trémulos a escala,  
e uns arpejos desprendem-se baixinho.

Vem, minha filha, enquanto o sonho dura,  
tu que os olhos nos enches de ternura  
e os corações em lágrimas invades...

Vem... as cordas têm alma como a gente:  
ao faltar-lhes o sopro que as alente,  
uma por uma, estalam de saudades!

## Glória in excelsis...

(conclusão)

goa e forte da autoridade e saber do Sucessor de S. Pedro, seja ouvida e seguida por governantes e governados, porque só assim se poderá firmar no mundo a paz por que todos almejamos, essa paz de que nós, portugueses, tivemos excepcional privilégio, quando toda a Europa se debatia nos horrores da mais calamitosa de todas as guerras.

Que o novo ano nos traga uma onda de optimismo que apague todas as vontades, uma aura de bem-querer que mova todos os corações e que no céu da nossa pátria não se apague, antes fulja cada vez mais, a Estrela miraculosa que, através dos séculos, guiou Portugal na senda da glória, fazendo deste pequenino povo uma das mais prestigiosas nações.

E só assim é que, para todos nós, o Ano-Novo será o Ano Bom.

J. FIGUEIREDO

ESTE NÚMERO DO «CORREIO DE NISA» FOI VISADO PELO CENSOR DO DISTRITO.

## António Goulão

Após doloroso sofrimento, faleceu na sua casa do Largo de Serpa Pinto, o Sr. António Pestana Goulão, pessoa a quem ficámos devendo as melhores provas de aprêço e constante bom trato. António Goulão que era descendente duma família illustre, regressara recentemente de Lisboa onde foi sujeito a melindrosa intervenção médica.

O «Correio de Nisa» lamenta o triste successo com a maior sinceridade e apresenta a toda a Família enlutada a expressão de profundo pesar, particularizando os estimados assinantes Manuel Pestana Goulão e Anibal Pestana Goulão.

PARA ASSINAR ESTE JORNAL BASTA REMETER À REDACÇÃO UM VALE DE CORREIO DE VINTE E SEIS ESCUDOS.

## Quem Canta...

Maria, minha Maria,  
Maria, meu ai Jesus;  
no dia em que te não vejo,  
nem a candéa dá luz.

Na negrura dos teus olhos,  
todos cheios de escuridão,  
não há tanta treva e luto,  
como no meu coração.

## Pela Capital do Distrito

Com geral aprazimento da população portalegrense, realizou-se a inauguração do mercado coberto para venda de peixe, medida cuja utilidade se torna desnecessário encaecer e que a cidade fica devendo ao interêsse e carinho que as coisas públicas merecem ao presidente do município sr. Dr. Martinho de Albuquerque Azevedo Coutinho.

Pela primeira vez vai realizar-se nesta cidade um curso de dirigentes para os Centros Primários da Mocidade Portuguesa e para o qual estão inscritos diversos professores de todo o distrito.

O referido curso inicia-se no dia 2 do próximo mês, terá a duração duma semana, funcionará sob a direcção dos srs. Sub-Delegado Regional Dr. Armando Sampaio, do seu adjunto o director escolar Pires Antunes e terá como orientadores os instrutores Jorge Caroco, Dr. Matos Santos, Arnaldo Sardinha, assistente Angelo Monteiro e monitor de educação física Anselmo de Oliveira.

Afanosamente trabalha a a mesa da Santa Casa da Misericórdia desta cidade para que resulte proficuo o cortejo de offerendas a realizar no próximo dia 6 de Janeiro.

Um bom resultado merece uma tal iniciativa, porquanto aquela benemérita instituição tem sempre abertas as suas portas a quantos dela se abeiraram, pelo que, o auxilio que hoje lhe dermos, poderemos amanhã vir a recebê-lo.

Por louvável iniciativa do director do distrito escolar sr. Pires Antunes, foi adquirido para as escolas primárias do mesmo distrito um cinema educativo e que muito virá contribuir para o fim em vista, ou seja o duma mais perfeita instrução dos respectivos alunos.

Na cantina da Mocidade Portuguesa, efectua-se no dia 2 de Janeiro um jantar de confraternização dos antigos fillados da patriótica organização na Ala de Portalegre e para o qual há bastantes inscrições de individuos de todas as camadas sociais.

Anunciem no «CORREIO DE NISA»

## LOUIS BERTRAND

(Conclusão da 2.ª página)

vilegiada.

De Goyou, escreveu Lesourd, no prolegómeno de «La Normandie Bénédicte»:

«Il occupait dans la littérature et dans le monde une place qui reste vide, car elle était exceptionnelle».

E não é demais que aproveitemos, numa oportunidade realmente flagrante, a inteligente e justa observação de Paul Lesourd, para nela encontrarmos em «duplo» o valor e méritos literários do famigerado académico francês, recentemente falecido.

A triste notícia, inserta nos jornais, sem comentário ou resenha de qualquer espécie, contrasta dolorosamente com o notável brilho e raro fulgor que aureolaram em vida a forte personalidade de Louis Bertrand e que ainda o seguem para além da campa.

«Santo Agostinho» é um monumento, onde, desde o burgo africano de Tagaste, em que nasceu, até aos seus últimos tempos de vida, todos eles dispendidos numa auréola de luz espiritual, a personalidade do brilhante ornamento da Igreja cristã prepassa ante nós como maravilha, pelo resplendor e brilho divinos que a aornam e esmaltam.

O grande Santo, a que os contrastes duma vida por vezes libérrima ainda melhor o fazem ascender ao pedestal da Glória, é assunto duma das melhores obras de Bertrand e facto que, só por si arrebatava o escritor ao vago e imperceptível, para lhe erguer na história dos pósteros o padrão comemorativo a que tem jus.

Sena Freitas traduziu dos «Soliloquia»: «Quando procuro o meu Deus, procuro a luz que sobreleva toda a luz e a todo o alcance da visão; procuro uma voz, inacessível do ouvido material; um arôma superior a todos os arômas, que o olfato não atinge; um sabor mais grato que todos os sabores delectosos que o paladar é demasiado grosseiro para perceber, um abraço mais doce que todos os abraços que o tacto é incapaz de gosar».

E Honoré Sclafer, muitos séculos depois, no seu livro monumento «Sceptique Mourant» parafraseou, numa revoada espiritual: De même qu'il existe quelque chose par de là le point où l'œil s'arrête de voir, l'oreille d'ouïr et le bras d'attendre, de même il existe quelque chose par là le point le cœur s'arrête de désirer, l'âme d'espérer et l'entendement de concevoir», em aparência fugaz, quasi com o travo tentador dum «blasfemo encantamento».

Lendo a obra de Louis Bertrand, o mesmo estado de alma nos revela o escritor, através da simples norma expositiva que, mesmo divorciada do génio que a adorna, era só por si vincado o caracter de mérito e fôlego.

A aguarela ridente do reduzido burgo africano, as férias decorridas em Tagaste, numa

luta gigante entre as crias da puberdade e a conversão de Apuleio; os desregramas pasmosos da mocidade, o prazer das lágrimas e a oração de Deus; os extases de Mônica; desde o último satânico do paganismo sacerdótico e ao bispado pona, até à Suprema Luz Santidade, tudo o laureado dêmico Louis Bertrand rolar à prespiécia do seu esclarecido, com as suas seu talento privilegiado.

E, por tal, se pode pensar esta obra incompleta com as mesmas palavras bispado de Guelma empreendida primeira biografia do «peço instantaneamente á cadaqueles que lerem esta que se unam ás minhas de graças e ás minhas do Senhor, que me inspirem esta obra aos presentes auzentes... e que me concedam o prazer de a executar».

Louis Bertrand morto da não há muito tempo agências telegráficas já maram, numa noticia sem qualquer resenha mentário.

A lado dos excitantes nicados que se referem ra, essa onda de extermínio que se desgasta a Hum louca, a nova infausta pequenês propria dos e dos tempos, sintoma aformida, dolorosamente sanguentada.

Mas um dia surgirá plendor que faça avultar inditoso da morte de Bertrand, quando o hino ger d'Isle possa novamente bater descompassados ções gentis da Mocidade.

ABEL M...

## Gasamento

Realizou-se em Mo... lace matrimonial do Sr. António Barriga Pelquillo Ex.ª Sr.ª D. Maria Ozagalho Escónia, filha Ex.ª Sr.ª D. Ozovilla Escónia e de seu Es Joaquim Garcia Escónia padrinhos por parte seus tios, o nosso do amigo e assinante cisco Mourato Pelequillo nesta Vila e digno te da Câmara Municipal, e o Sr. António M lequillo.

E por parte da no... me Manuel Guerreiro do illustre clinico Dr. Manuel Guerreiro.

Aos noivos, que vi... ar a lua de mel a Al... presentamos sinceros e os melhores dese... as venturas, no lar... de constituir.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE... EM TODO O P...

# ○ FEITICEIRO

Conto inédito

por JOÃO TAVARES MACHADO GRÁCIO

E se não fora ele? Sobreviveria a esse golpe tão cruel?... mas oh!... Era impossivel enganar-me... tinha a certeza... sim... sempre o mesmo olhar vago e abstrato que lhe conheci... aquêl sorriso a escorrer-lhe pelo canto dos lábios, altivo e orgulhoso a pesar de des-simulado... a fala... até a fala que os anos e provações não conseguiram mudar completamente... e depois o retrato...

sim esse retrato não podia apor dúvidas... era o meu irmão quem encontrava ali... já no limiar da porta para a eternidade... ele que me chamou... que não quis serrar a tampa do túmulo sem me dizer o último adeus... o da despedida para todo o sempre!!!

As ondas nocturnas invadiram já o vale e começavam a trepar pelo outeiro acima; do

lado do nascente aqui e ali fulgiam as estrelas, espreitando o orbe envolto em sombras através do manto azul-turquesa dum céu primaveril; os contornos longínquos das serranias pareciam cada vez mais abatidos enquanto por entre os pinheiros o sussurrar da brisa era canção embaladora a adormecer a natureza-mãe... E em tudo uma nota de desolação, um sono de pesadélos a amarfancar o belo de todo este conjunto, uma soledade acabrunhante a entrega-lo às garras da noite que se ia espreguiçando mansamente sobre os montes...

F I M

Anúncios—1800 cada linha, segundo o Hrómetro de 2270 B. Anúncios permanentes e especiais — contratos especiais. Número avulso—550. Números atrasados: 1800. A correspondência é dirigida ao Director.

# Correio de Nisa

SEMANÁRIO DE INFORMAÇÃO E CULTURA

Assinatura, um ano—26\$00, continente; Colónias e Estrangeiro, com o acréscimo de portos. Não se restituem ginsas quer sejam ou não blicos. — Toda a colaboração para o jornal é solicitada.

## ANO VELHO... ANO NOVO...

(Conclusão)

Assim, se na face angélica do ser humano resplandece o sorriso de todas as felicidades que a paz traz consigo, na outra face, a demoníaca, transparece o rictus feroz que ameaça sempre desencadear-se na cólera devastadora das tempestades bélicas que nada poupam e espalham por toda a parte o mal, a morte, a desolação.

E o ano de 1945, do mesmo passo que à Humanidade trouxe o benefício inestimável da paz, trouxe-lhe também, como malefício satânico, o conhecimento e a possibilidade de novos meios de destruição que ultrapassam tudo o que a nossa imaginação pode conceber e que, a-par da devastação do mundo social, podem mesmo provocar a desintegração e o esboramento do nosso pequeno mundo cósmico.

Se, há cerca de cem anos, um cientista francês, Eugénio Huzar, se antecipava a anunciar, numa previsão catastrófica, o fim do mundo pela ciência, com quanta mais razão o não faria ele hoje, nesta hora sombria em que os sábios, com sua ciência impresciente, parecem apostados em pôr o esforço do seu cérebro e as luzes da sabedoria ao serviço dos potestades do mal.

Quando, em fins do século XIX,—numa hora em que o influxo esterilizador do romantismo arrancara a muitos homens o par de azas que lhes permitiria librarem-se num mundo de sublimidades excelentemente belas—a audácia de Fernando Brunetière, da Academia Francesa, proclamava, num artigo célebre, a bancarrota da Ciência relativamente a algumas das suas promessas, muitos cientistas que mais fiavam do desenvolvimento da Ciência a realização da suma felicidade humana, ofereceram ao químico Berthelot, que então encaravava a ciência francesa, um banquete de protesto contra a maneira por que aquele académico falara da Ciência.

Mas hoje quem ousaria, com o mesmo calor e arrogância dos convivas daquella histórica banquete, erguer nos Cenáculos do saber o seu clamor veemente contra quem, com todas as retumbâncias duma palavra forte, arguisse a Ciência de ter falido no seu alado sonho de realizar a plena felicidade do homem?

É certo que alguns cientistas para salvar os créditos e o prestígio da deusa a que prestam culto incondicional, pretendem impôr à Técnica, a culpa de todos os malefícios modernos de base científica.

Mas a tática é vã porque se a Técnica, por sua vez, é filha da Ciência, como na verdade é, mais não faz do que utilizar, no domínio das aplicações práticas, e muitas vezes em desfavor da Humanidade, os meios

que a mãe lhe fornece.

Poderia o homem quando, desesperado de sofrer, se dispuzesse a destruir as instalações da Técnica, poupar e deixar de pé os laboratórios da Ciência?

—Não. Tudo iria no mesmo desfazer de ídolos e feitiços maléficis, no mesmo desmantelamento total de tudo o que de algum modo contribuisse para, em vez de tornar a vida bela, sã, amável, digna de ser vivida, a tornasse sombria, dolorosa, desesperada, na expectativa torturante do aniquilamento universal pelo regresso do planeta à poeira atômica do caos...

Que o ano de 1946 traga melhores perspectivas à pobre Humanidade, permitindo tirar das descobertas científicas o benefício que elas lhe podem proporcionar, conjurando ao mesmo tempo todos os perigos que por sua vez, a loucura dos homens e o espírito do mal delas podem extrair.

DIAS LOUÇÃO

## A Bomba!

O' Sumatra, ô vate, ô bardo!  
Você por causa do nardo  
De perfume intenso e tardo,  
Parece que se viu pardo  
P'ra arranjar rimas em ardo.

Lembro-lhe que, mais que o cardo,  
Pica o terrível moscardo  
Quando espeta, a fundo, o dardo,  
E sobre rimas em ardo.

Lembro-lhe mais que o Bernardo  
De que eu, há muito, guardo  
De papeis um grande fardo,  
Diz que seu primo Ricardo  
Usa de inverno um tabardo  
que o torna todo galhardo,  
E é um temível fajardo  
Que sem o menor resguardo  
Nem vergonha, faz alardo  
De o seu parente Eduardo  
Que é do rôsto um pouco sardo,  
Ter matado um sô javardo  
Três ursos e um leopardo.

Ora, não mais o retardo  
Com outras rimas em ardo,  
Lembrando-lhe algum brocardo  
Adeus, e acredite, ô bardo,  
Que eu não sou o Leonardo  
Noutro nome por resguardo.  
Sou «Leonardo» e aguardo  
Na farpela em que me enfardo,  
Viver como um Felizardo.

LEÓNIDAS

## Visita

Deu-nos o prazer de visitar a nossa Redacção o Sr. Joaquim da Anunciada Rufino, presado assinante, actualmente residente em Coimbra.

Os nossos agradecimentos pela sua atenção.

## Do Secretariado Nacional da Informação, Cultura Popular e Turismo, recebemos o que a seguir publicamos:

Ex.<sup>mo</sup> Senhor Director  
Vai o Ministério da Economia, pela Direcção Geral dos Serviços Pecuários, proceder ao arrolamento geral de gados e animais de capoeira, conforme eco publicado no boletim «Informações» junto.

Tratando-se de uma recolha estatística sobre cujos dados hão-de determinar-se as medidas de fomento, abastecimento de forraginosa a exportação pecuária, afigura-se-nos que o assunto merecerá o devido relevo no jornal que V... superiormente dirige. Sucedendo, porém, freqüentemente, que as populações rurais temem de semelhantes inquéritos, novos encargos tributários e que desconhecem o seu alcance nacional, rogo a V... se digne elucidar com os dados daquêle eco os seus leitores nos números a publicar até 15 de Janeiro de 1946, de forma a que os resultados correspondam à expressão da verdade e representem a confiança plena de que o Governo apenas pretende elementos correctos da riqueza nacional para a sua segura e justa actualiação.

Apresento a V... os meus cumprimentos.

A Bem da Nação  
Secretariado Nacional da Informação, 13 de Dezembro de 1945.

Pelo Chefe da Repartição  
A. TAVARES DE ALMEIDA

## Arrolamento Geral de Gados e Animais de capoeira

A Direcção Geral dos Serviços Pecuários vai realizar o V Arrolamento Geral de Gados e Animais de Capoeira, referido à meia noite de 31 de Dezembro corrente.

Os inquéritos desta natureza revestem sempre grande interesse, visto que, informando-nos da disponibilidade do País em gados, permitem não só conhecer até onde as suas produções podem cobrir as necessidades do consumo interno, como até surpreender a existência do excedentes que convenha colocar nos mercados exteriores.

Espera-se que a lavoura bem compreenda o interesse deste arrolamento, e corresponda, com o escrupuloso manifesto dos seus gados, às intenções que determinam a sua actualiação.

Os impressos para este manifesto deverão ser pedidos aos regedores de freguesia, que os fornecerão gratuitamente, e devolvidos à mesma autoridade, de 1 a 15 de Janeiro, depois de devidamente preenchidos e assinados.

A falta de declaração ou o seu falsamento é punido, nos termos da lei, com as seguintes multas: 20\$00 por cabeça de ga-

## Império

Conclusão

esperança, de esperança em verdade, a força criadora viveu latente.

Viveu latente esperando a hora criadora.

E a sensibilidade de Eça sentiu-o já. Eça vê a saúde tornada esperança quando nos diz: «Fomos grandes» pelo que outrora fizla as nações grandes — a força; procuremos tornar-nos fortes pelo que hoje faz as nações fortes — a *Idea*.

A hora já sou! A *Idea* está em marcha! A esperança torna-se verdade!

No Portugal de Aquem a *Idea* robustece a seiva; e essa saúde, essa esperança guardada no fundo da alma de cada português, lá bém no fundo, já floriu... e floriu numa certeza, numa vontade firme e imutável como a força do destino.

E essa vontade firme e imutável como a força do destino, essa fé imorredoiira no esforço da raça, no esforço da grei, segue o facho de vivíssima luz lançado sobre a terra, lançado sobre o mar... o *Império*.

É o Portugal de Aquem, é o Portugal de Além que o mar une e não separa!

E essa saúde que foi esperança, essa saúde que viveu em esperança no fundo do peito de cada português, lá bém no fundo, tornou-se uma certeza, tornou-se uma verdade — o Portugal de hoje — que a *Idea* fez florir no seio da sua vontade criadora.

E assim a *Idea*, espírito de lusitanidade, viverá no fundo da alma de cada português, lá bém no fundo, onde vivia a saúde, onde vivia a esperança...

E essa *Idea* que é força e vive na alma da grei e torna robusto o corpo o Portugal de Aquem — fará pulsar mais forte a portentosa artéria e o seu sangue vigoroso agora irá levar ao Portugal de Além o poder de criar.

E é o *Império* que o mar une e não separa!

Que o mar une e não separa em Aquem e Além; une, é PORTUGAL!

do grosso; 5\$00 por cada cabeça de gado miúdo; e 1\$00 por cabeça de animal de capoeira.

Com o objectivo único de evitar que vãos receios possam levar alguém a deixar de manifestar animais que possuia, desde já se esclarece que as declarações de manifesto são, por lei, estritamente confidenciais, não podendo, por isso servir de base para quaisquer efeitos tributários.

ANUNCIEM NO «CORREIO DE NISA», QUE CIRCULA EM TODO O PAÍS.

## Cap. José de Albuquerque

Finou-se na passada sexta-feira, o Capitão do Exército, Sr. Albuquerque, que há muito mandou em Nisa o posto G. N. R.

Um Combatente da Guerra, na África e na Península, Sr. José de Albuquerque ostenta no peito de heróis as mais raras condecorações.

Dotado de excelentes dades de caracter, foi um dadeiro soldado, português, rija tèmpera, o que a modéstia acaba agora de trair.

## Caixa do «Correio»

Os conceituados grupos sociais de Nisa «Os Invenientes» e «Os Fixos» enviaram ao rei de Nisa gentis cartas boas-festas. Este sem-fundado para secundar as empresas merecedoras de crédito, retribui com votos, os cumprimentos apresentaram e fica inteiramente ao dispor, para sempre desejarem.

## Nascimento

Pelo nascimento de Nisa que veio enriquecer o nosso preado Antiquário Sr. José do Rosário chinho, activo funcionário da Federação Nacional de imprensa este jornal nos esposos os seus parabens, a todos agum futuro venturoso.

## A Férias

Em gozo de férias, foram a Nisa muitas pessoas desta Vila, a fim de serem com os seus a família do Natal. A todos, tintamente, apresentamos nossos melhores cumprimentos.

## Em Tempo

No último soneto publicado neste jornal por lapso a palavra «fala» em vez de «fala» segundo verso do terceto.

Aqui fica a recitação e as nossas desculpas ao illustre colaborador.

## António dos

## Santos Pina

## Ouvivesaria e Re

Deseja a todos Fregueses Bóas - Férias Novo Ano